

Procura-se médico para Ceilândia

(Assinatura) Dr. Sampaio

Hospital Regional da cidade precisa de 40 profissionais para atender a demanda de pacientes, que poderiam ir a posto de saúde

Newton Araújo Jr.
Da equipe do Correio

Faltam médicos e sobram pacientes no Pronto-Socorro (PS) do Hospital Regional da Ceilândia (HRC), principalmente na clínica médica. Para dar conta da demanda, cada médico dessa especialidade — que abrange quase todo o espectro de doenças existentes — precisaria atender aproximadamente 50 pacientes por dia. Isso, obviamente, compromete a qualidade do atendimento e aumenta a insatisfação de ambas as partes, médicos e população atendida.

A média diária de atendimentos na clínica do PS do HRC fica por volta dos 280 casos. Ontem pela manhã — período de maior demanda —, estavam trabalhando três clínicos, três cirurgiões e quatro pediatras no Pronto Socorro. Somente das 6h55 da manhã até o meio-dia já haviam sido registrados 172 atendimentos na clínica médica.

"Os números são variáveis. Mas agora, no mês de janeiro, temos 29 médicos para atender a todo o hospital e mais os 11 postos de saúde, o que corresponde ao efetivo da clínica médica da Regional de Saúde da Ceilândia. O ideal seria pelo menos 70 médicos", informa José Maria

Sampaio, chefe até ontem do pronto-socorro do HRC, exonerado como todos os outros detentores de cargos públicos nesse início de governo.

Segundo Sampaio, o problema é maior em Ceilândia porque a clientela é agressiva, carente e sofrida, a demanda é sempre superior à oferta de serviços e o salário é pequeno. "Em comparação com os cirurgiões, por exemplo, o clínico rapidamente se esgota na rotina do dia-a-dia. O cirurgião se julga Deus. Cada dia é um jogo novo para vencer (contra a morte). Ele vibra com a arte dele. Se possível, trabalha até de graça", compara Sampaio.

Não por acaso — devido à abundância de casos diários —, o setor de cirurgia do HRC apresenta o melhor nível de residência (médicos em formação) do Distrito Federal. "Cirurgião precisa de prática constante. Mas, curiosamente, são pouquíssimos os médicos formados na UnB, universidade que tem um excelente nível de formação", diz Sampaio.

DURA REALIDADE

Os médicos não querem trabalhar na Ceilândia, de acordo com Sampaio, "porque quando eles vêm a realidade daqui, se apaixonam e desistem". No concurso para

ATENDIMENTO	
No Pronto Socorro	Postos de saúde e Saúde em casa
■ Dores agudas no peito	■ Gripe
■ Acesso de asma em estado grave	■ Tosses
■ Cólicas renais e hepáticas	■ Doenças da pele (dermatoses)
■ Qualquer estado de coma	■ Desnutrição
■ Desmaios	■ Dores articulares
■ Pressão muito alta	■ Reumatismo
■ Diarréias continuadas	■ Obesidade
■ Crise epiléptica	■ Falta de ar crônica
■ Diabetes não-controlada	■ Infecção urinária
■ Intoxicação grave	■ Tontura
■ Urticária (dependendo do caso)	■ Dor de dente
■ Queimaduras graves	■ Faringite
■ Acidentes graves	■ Amidalite
■ Ferimentos	■ Procurar nova receita

contratação temporária de 1997, das 50 vagas para toda a Fundação Hospitalar (FHDF), boa parte era direcionada ao HRC. Somente dois ficaram no hospital. O ano passado foi pior ainda. Das 40 vagas específicas para a Ceilândia, três candidatos aceitaram. Meses depois pediram demissão.

Com a situação da cidade e o salário de R\$ 1.200,00, os médicos só aceitam trabalhar 24 horas por sem-

ana. Sampaio conta que "são raros os que querem 40 horas semanais. Os médicos preferem 24 horas, pois podem fazê-las em dois plantões de 12h, ou no fim de semana. O resto do período, eles fazem o verdadeiro salário na iniciativa privada."

Para piorar a situação, a falta de informação da população faz com que o pronto-socorro acabe atendendo casos que poderiam ser solucionados nos postos de saúde ou no Saúde em

Casa. É o caso de Maria do Socorro Oliveira, que passou mais de três horas ontem na sala de espera do PS com a filha Franciele, de quatro anos. "Ela está com alergia e estou aqui esperando o resultado do exame de sangue", diz Maria do Socorro.

Segundo as atendentes do Serviço de Orientação ao Usuário (SOU), há pacientes que forçam os sintomas para serem atendidos na emergência. Ontem a dona de casa Áurea Santos de Sousa, moradora de Águas Lindas, reclamava de bronquite, falta de ar e asma. "Quero atendimento de emergência para o médico me dar o medicamento e eu melhorar", dizia. "Asmático mesmo não tem condições de conversar tanto, nem dá tantos dados. Mal consegue respirar", explica a atendente Maria Isabel Ribeiro, do SOU. Mesmo assim, os pacientes insistem em esperar e acabam sendo atendidos.

No setor de internação de emergência, que tem macas para atender apenas 40 pacientes, havia ontem mais de 60 doentes internados. A Organização Mundial de Saúde recomenda que o período de internação no Pronto Socorro deve ser de no máximo 48 horas. Esse está longe de ser o caso do HRC.

O chefe do pronto-socorro expllica a situação: "Desses internados, pelo menos 15 são casos de alcoolismo ou doenças derivadas do álcool. Ficam pelo menos 15 dias em desintoxicação. E outros 15 são idosos, com doenças degenerativas. Estão na fase final da vida e ocupam o leito até a morte."